

A vitória estreita de Joe Biden não vai segurá-lo por muito tempo no gabinete

Publicado originalmente em [Jacobin Magazine](#)

A campanha vazia de Joe Biden pode muito bem ter conquistado alguns eleitores republicanos suburbanos. Mas a frágil maioria que ele provavelmente conseguiu desta vez deveria ter sido muitas vezes maior, e sem uma reorientação mais séria, não vai se manter por muito tempo.

A democracia capitalista é um compromisso de classe. Os capitalistas concordam em tolerar que os trabalhadores tenham voz na política e, em troca, os trabalhadores concordam em não usar seu voto para tirar os bens dos capitalistas. Nenhum dos lados consegue tudo o que quer, mas ambos podem viver com isso. Como disse Larry David, “um bom compromisso é quando ambas as partes estão insatisfeitas”.

Os resultados das eleições de terça-feira foram uma confirmação da capacidade da democracia capitalista de viver de acordo com o axioma de Larry David. Embora, a partir deste escrito, pareça que Joe Biden alcançará a maioria no Colégio Eleitoral, e se expandirá um pouco na votação popular de Hillary Clinton em 2016, os resultados ficaram aquém da “onda azul” que muitos comentaristas, depois das pesquisas, vinham prevendo.

Há algo aqui para deixar todos infelizes. Donald Trump provavelmente perdeu a presidência, e embora haja sinais de que os republicanos de elite estão felizes por finalmente estarem livres dele, as dezenas de milhões de eleitores que o adoram sem dúvida ficarão furiosos. Ao mesmo tempo, Joe Biden conseguiu uma vitória que fica muito aquém do repúdio decisivo de Trump que os democratas sentiram que era necessário. Além

disso, os democratas realmente perderam assentos na Câmara dos Deputados, provavelmente não conseguiram obter a maioria no Senado, e perderam terreno nas legislaturas estaduais.

Os relatórios pós-eleitorais são muitas vezes um exercício de confirmação tendenciosa. Muito poucos comentaristas têm sua opinião alterada pelos resultados eleitorais. Ao contrário, o argumento é muitas vezes que se a realidade tivesse sido diferente, seus argumentos teriam sido provados ainda mais corretos. Na batalha contínua entre a ala esquerda do Partido Democrata e seus centristas, esta tendência sem dúvida estará em plena exibição nas próximas semanas. No entanto, os resultados eleitorais são confusos o suficiente para aniquilar qualquer triunfalismo de ambos os lados.

Abalando os subúrbios

Após a desastrosa derrota de Hillary Clinton em 2016, os partidários de Bernie Sanders puderam argumentar, sem pouca evidência, que “Bernie teria vencido”. Levando esta atitude para a batalha contra a reeleição de Trump, “berniecratas” adotaram o slogan “A retrospectiva é 2020”. Observando a campanha anêmica de Joe Biden mancar nos meses que antecederam as primárias, os apoiadores de Bernie argumentaram que uma campanha que não representa nada em particular jamais poderia derrotar a paixão frenética da base de Trump.

No entanto, grande parte do eleitorado nas primárias democratas viu coisas diferentes, e Biden foi capaz de vencer com mão de ferro uma vez que o apoio do establishment se unificou em torno dele. À luz dos resultados das eleições, vale a pena revisitar estes argumentos. A provável vitória de Biden parece ser alcançada com as margens mais estreitas, e isto em meio a uma devastação econômica histórica e a uma pandemia terrivelmente mal administrada. Eliminar a COVID-19, e o argumento “berniecrata” de que Biden não poderia vencer Trump pode muito bem ser verdade.

No entanto, por mais tentador que esta linha de argumentação seja, também vale a pena notar que a estratégia de Biden de apelar aos eleitores da classe média tradicionalmente republicana parece ter alcançado algum sucesso real. Embora as pesquisas de intenção de voto parecessem inicialmente sugerir que Trump tinha aumentado sua participação no voto republicano a partir de 2016, tornando a estratégia dos democratas um fracasso, os números são enganosos. Não se pode simplesmente comparar o desempenho de Trump entre os republicanos em 2016 e em 2020, porque o conjunto de pessoas que compõem o Partido Republicano mudou nesses quatro anos. Desde 2016, muitos ex-republicanos que não gostam de Donald Trump deixaram de ser republicanos. Da mesma forma, muitas pessoas que gostam de Donald Trump se tornaram republicanos. Portanto, não é realmente surpreendente que uma figura tão polarizante como Donald Trump tenha aumentado seu número de votos entre as pessoas que agora apoiam seu partido.

Além disso, embora ainda haja uma grande quantidade de dados para analisar, parece realmente que os democratas conseguiram recolher votos em alguns dos principais subúrbios republicanos. No Condado de Warren, Ohio, perto de Cincinnati, os democratas fecharam uma distância de 10 pontos dos republicanos. O condado de Waukesha, Wisconsin (famoso entre os especialistas como um dos mais conhecidos), foi para Trump 62-34 em 2016, mas Joe Biden foi capaz de reduzir isso para 60-39. Essa oscilação de cerca de dez mil votos fez uma grande diferença em um estado em que Biden está projetado para levar por menos de trinta mil votos.

Em outras palavras, a estratégia de evitar uma mensagem polarizadora para apelar aos republicanos moderados nos subúrbios parece ter tido pelo menos algum sucesso. Para os esquerdistas, que argumentaram que as políticas centristas não só são ruins para as pessoas, mas também levam à derrota eleitoral, esta é uma verdade algo incômoda. A estratégia centrista entregou os frutos, desta vez.

O fracasso da anatematização

Hoje, muitos centristas democratas dispararam contra apoiadores proeminentes de Bernie, proclamando alegremente que as críticas da esquerda estavam comprovadamente erradas. No entanto, para além de todas as compensações psicológicas, tais exercícios, sem dúvida, refletem um eleitorado assustado pela fina margem de sua vitória, e apenas escondem um problema muito maior para a estratégia democrata.

A mensagem da campanha de Joe Biden foi simples. Donald Trump é um mau presidente e uma má pessoa. No contexto de uma pandemia na qual o próprio Trump estava feliz em agir como um superdisseminador, isto não deveria ter sido uma questão difícil de ser vendida. E ainda assim, embora possa ter conseguido descascar algumas camadas de republicanos marginais nos subúrbios, a mensagem não conseguiu aterrissar nas imensas faixas de seu público-alvo. Isto deveria ser muito preocupante para o establishment democrata, por duas razões.

Em primeiro lugar, a carreira política de Donald Trump está terminada. Ele não se candidatará novamente ao cargo, e se as recentes movimentações dos líderes republicanos forem alguma indicação, ele logo será defenestrado sem hesitação pelo establishment do partido. Enquanto que os valentes trumpistas do partido sem dúvida farão sua própria candidatura à liderança do partido, os resultados eleitorais sugerem um futuro brilhante para figuras como Marco Rubio, adepto de combinar a demagogia trumpista com a política mais enraizada no establishment do partido. Um republicano como Rubio, que pode fornecer uma aparência de competência sobre a arte da performance reacionária ao estilo Trump, tem o potencial de reconquistar os republicanos marginais Joe Biden conseguiu cortejar desta vez e, ao fazê-lo, cortar profundamente na persistente maioria dos democratas no voto popular.

Segundo, o fracasso da anatematização significa que as políticas mais favorecidas pela base cada vez mais

universitária dos democratas, que se concentram em apontar o grotesco racismo e sexismo de Trump, falharam completamente em ressoar com enormes setores do eleitorado. Ironicamente, Donald Trump, que pegou o famoso relatório de “autópsia” do Partido Republicano culpando sua derrota em 2012 por suas políticas de imigração de linha dura e cuspiu sobre ele, consolidou claramente uma base maior entre os eleitores latinos, particularmente nos principais estados do Texas e da Flórida. Além disso, as pesquisas de intenção de voto, que podem não ser confiáveis este ano devido à extensão da votação antecipada, sugerem que ele também aumentou ligeiramente sua posição junto aos eleitores negros.

Embora chamar pelo Fora Trump funcione extremamente bem na MSNBC, ele abjetamente falhou em entregar o repúdio eleitoral que os democratas tão desesperadamente esperavam. Pior ainda, ele se alimenta diretamente da dinâmica da cultura de guerra que Trump cultivava para seu apoio. A mensagem de que “Trump é uma pessoa má, e as pessoas que o apoiam são pessoas más” apenas intensifica o sentimento de seus apoiadores de que são uma minoria cultural que luta contra uma elite que os despreza. É um sentimento que o próprio Trump mobiliza com talento, e por mais únicos que sejam seus dons, é improvável que a lição seja perdida para aqueles que procuram substituí-lo.

Não se trata de dizer que os democratas devam reprimir sua oposição ao racismo de Trump. Ao contrário, é uma questão de como essa oposição é apresentada. Democratas de classe executiva, agora mergulhados em vários treinamentos de diversidade e seminários anti-racismo, transformaram a oposição ao racismo em uma espécie de código de etiqueta, uma prescrição do que é e não é aceitável dizer.

Como os pesquisadores Ian Haney López e Tory Gavito apontaram em setembro em um premonitório artigo alertando sobre a competitividade de Trump entre os latinos, simplesmente denunciando o racismo de Trump muitas vezes não consegue mover

as pessoas que ainda não estão se opondo a ele. Em vez disso, a mensagem que ressoou em seus testes é uma mensagem que combina oposição ao racismo com política de classe. O que os democratas precisam fazer, eles sugeriram, não é somente denunciar o racismo de Trump, mas sim apontar como seu bode expiatório racista é uma tentativa de dividir os americanos e permitir que os ricos continuem seu saque do país. Combater o racismo principalmente como uma violação moral, sugerem eles, deixará os eleitores frios.

Isto parece ter sido exatamente o que aconteceu. Embora Biden seja certamente mais confortável a soar notas de conflito de classes do que Hillary Clinton alguma vez foi, é difícil centrar essa mensagem em uma campanha que apela aos ricos republicanos e promete que nada vai mudar fundamentalmente.

Este é o dilema que os centristas enfrentam no futuro. Embora possa ser tentador para eles declarar vitória para sua estratégia nesta rodada, seria necessário um nível de ignorância intencional, mesmo o Comitê Nacional Democrata não pode falhar em ver o que está por vir. A maioria eleitoral que o partido conquistou na terça-feira é extremamente frágil. Se os centristas do partido insistirem em tentar mantê-la pelos mesmos meios que ganharam este ano, não poderão mantê-la por muito tempo.